



GT 59. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos, diferenças e direitos

Coordenador(es):

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Sessão 2 - Povos indígenas, arqueologia e violências

Debatedor/a: Priscila Lini (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE - 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuição para esse debate.

Reflexões etnológicas sobre os concursos de Miss e Mister Terena

Autoria: Marie-Charlotte Pelletier-De Koninck (Université de Montréal)

Os concursos de Miss que valorizam modelos estéticos de beleza associados a grupos minoritários têm se proliferado significativamente desde o segundo semestre do século XX. É o caso, entre outros, dos concursos de Miss Indígenas que existem hoje no mundo inteiro. Assim, esta comunicação objetiva examinar os concursos de Miss e Mister Terena que existem, em diferentes escalas, há pelo menos 25 anos. Os Terena são um povo indígena que atualmente se localizam, principalmente, no centro-sul do Brasil e que pertencente à família linguística e cultural Aruak. A população Terena tem realizado movimentos migratórios para áreas urbanas desde a década de 1960; isso se intensificou com o decorrer dos anos. A urbanização da população e o contato crescente com a sociedade brasileira geraram uma forte preocupação com a, assim chamada, "perda da cultura". Além disso, a mídia local tem divulgado, frequentemente, notícias as quais associam estereótipos pejorativos com os povos indígenas, qualificando-os como violentos, preguiçosos, bêbados e aculturados. Nesse cenário, vários desses concursos de Miss e Mister Terena visam questionar tais estereótipos e narrativas sobre a "aculturação" do Povo Terena, assim como divulgar a beleza de sua cultura e se mostrar dentro de um contexto sem violência e conflito, além de estimular a participação dos jovens e dinamizar a vida nas aldeias. Esses concursos de Miss e Mister Terena tornaram-se extremamente populares nas comunidades e são eventos aguardados ansiosamente. Poucas aldeias Terena nunca organizaram esse tipo de evento. No entanto, apesar de serem populares, esses concursos geram tensões e conflitos entre os diferentes atores, sejam os diferentes grupos de organizadores, os artesãos, os participantes e os espectadores, principalmente em relação à imagem Terena que está representada. De fato, esses concursos suscitaram discussões relacionadas à autenticidade Terena em relação aos trajes típicos, aos grafismos



usados, ao uso de certos acessórios e às características físicas dos vencedores. A presente comunicação explorará também como a mobilidade intra-étnica e inter-étnica dos Terena influencia as práticas artesanais, modelos estéticos, noções de beleza e certas práticas performativas ligadas aos desfiles de Miss e Mister Terena. Bem como discutirá, principalmente, os concursos recentes que ocorreram nas terras indígenas Limão Verde, Buriti, Taunay e na aldeia Jaguapiru, no ano de 2019.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: